25-11-2021

HABEAS CORPUS PARA AS HISTÓRIAS PRESAS

Lucianno Di Mendonça

[Mestrando em Língua, Literatura e Interculturalidade – Univ. Est. Goiás]

Quem quiser conhecer o próprio país, precisa visitar seus porões, disse Nelson Mandela referindo-se às prisões e aos encarcerados. Meu primeiro dia no presídio foi louco, enquanto aguardava alguém me conduzir pelos corredores das celas, a agente carcerária perguntou se eu não tinha medo das pessoas que iriam conviver comigo dali em diante. Eu disse que certa vez, na subida da Favela da Rocinha, eu morava noutra cidade, portanto não conhecia ninguém ali, a pessoa que me conduzia disse "*a comunidade é trabalhadora e acolhedora, só não olhe nos olhos de quem estiver com fuzil nas mãos*". Logo identifiquei os jovens que portavam armas, alguns sem camisa, todos atentos, então, mesmo andando, eu parava o olhar no fundo dos olhos deles.

Um chamou-me a atenção, um olhar desnudo com matizes azuis-esverdeados como num rio cristalino que não dá pé – no qual as águas refletem ora a floresta, ora o céu, olhou também no fundo de meus olhos. Sabe quando uma comunicação improvável se estabelece sem palavras? Foi o que aconteceu, tremer as pernas faz parte de qualquer subida e descida, mas não o desviar o olhar dos olhos do medo, entende? E se alguém da pá virada não gostasse de ser encarado e quisesse colocar você no micro-ondas? Não encarei ninguém, apenas me compadeço de quem comete violência por não saber lidar com a violência da vida, vai entender! Mas seu tempo está chegando, daqui a pouco vou abrir aquele portão e você se vira, ninguém mandou vir pra cá, "*passarinho que come pedra sabe o cu que tem*" disse a agente.

Eu sei, eu sei, bem que meu pai tentou me dissuadir para que eu não me tornasse professor, mas aqui estou.

A primeira aula da minha carreira será no Presídio Estadual Feminino de Goiás, mas imagino que eu esteja mais seguro entre os apagados da sociedade que no meio daqueles que assassinam a própria inteligência para simular nas fotos um brilho do lusco-fusco de suas desilusões. Assim, a corrupção do próprio cérebro pela 'grande mídia' de si mesmo não é um crime passível de passar dois dias por semana numa solitária para não sair matando uma parcela da humanidade zumbi que cai da cama todos os dias para seguir o estouro bovino? Sei não, disse a agente. Em seguida, continuei, o preconceito e a ignorância matam muito mais, e ainda vacinam mais pessoas contra o pensamento crítico que a cura decorrente do que está prescrito nos livros. Por que você não leva todas pra casa? ironizou a agente. Se me levo pra casa todos os dias e todas as manhãs me encaro no espelho, você acha que temo outro ser humano mais que a mim mesmo? Quer saber em qual artigo caí? Sim, ela disse. Todos do Código Penal dos doutores, magistrados e legisladores das redes sociais e *ágoras* dos linchamentos pós-modernos, meu crime é ter orgulho de ser professor num país que condena o conhecimento. .....

Sem demora, a diretora do presídio autorizou minha entrada, então liberaram a tranca, e rangendo, o portão foi escancarado, passei por um detector de metais, a agente me escoltou até a sala de aula. No caminho, passando por baixo de uma mangueira, perguntei: eu deveria temer algo?

Ela respondeu que achava que não, pois talvez elas não me matariam. Eu disse para não se preocupar, pois todos os dias morro de ver tanto ódio espumando pelos cantos das bocas das pessoas de bem, mas ressuscito quando qualquer preso (mesmo fora da penitenciária), por meio dos livros e do aprendizado, resolve fazer uma escrita diferente do próprio personagem histórico que lê de si mesmo.

Alguém pode ter-me por inocente em não imaginar o que me esperava naquele presídio. Discordo, inocente nunca; tenho ciência do que sou incapaz, inclusive, sei da capacidade para o mal daqueles que se acham melhores. Hoje afirmo, três anos após o primeiro dia na prisão, em nenhum outro lugar fui tão bem tratado e a aula rendeu tanto, fazíamos café durante a aula e nos divertimos bastante. .....

O tempo parou no espaço em que estávamos juntos – o que não foi reputado por prejuízo para o cumprimento de suas penas, falamos do significado da palavra *exílio* e elas escreveram a respeito do tema, trocamos ideia sobre como a literatura é a forma mais sublime de não dizer o que não precisa ser dito, e tantas histórias vividas. Certa manhã, caí na bobeira de dizer que na aula seguinte eu iria ensinar como conviver com pessoas difíceis, três foram para a porta e disseram: você é um homem morto se não der essa aula agora! Desta forma, tive que atrasar minha saída aquele dia. .....

Algumas reeducandas em suas primeiras aulas chegavam mal humoradas e olhando meio torto, ao final, saiam dizendo que voltariam na próxima aula e trariam mais uma.

Emocionamos também, como no dia em que a Marolinha contou que sua filha mandou agradecer porque o sonho dela era que a mãe se tornasse leitora e mudasse o rumo da vida, mas nunca quisera, porém as aulas e as leituras dos livros despertaram a mãe ao desejo de se livrar da cela escura e solitária das próprias amarguras. Então, esta aluna me contou como as duas, mãe e filha, se abraçaram com uma grade entre seus peitos, mas finalmente sem os muros que havia construído dentro de si e entre elas. .....

Até hoje eu não havia contado essa história, a maior parte da aprisionada sociedade não-carcerária, denominada pelo escritor e crítico literário Manuel da Costa Pinto de "o rebanho impassível da maioria", não está preparada (e nunca estará) para essa conversa, mas decretei *habeas corpus* às histórias encarceradas atrás das grades de minha caixa torácica. Enfim, não sem sangue esguichado para fora via corredores de veias abertas, aprendi nas salas de aulas dos morros da vida: tremer as pernas faz parte, mas não o desviar o olhar dos olhos do medo.

Cumpra-se após o trânsito em julgado.

▪▪▪

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.